

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA

EDUARDATROIAN

O BEM COMER COM PRAZER:

Dietética e cuidados com a infância na obra *Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde*, de 1721

SÃO LEOPOLDO
2020

Eduarda Troian

O BEM COMER COM PRAZER:

Dietética e cuidados com a infância na obra *Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde*, de 1721

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História, pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^o. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck

São Leopoldo
2020

À minha mãe, minha maior inspiração.

Agradecimentos

Ao encerrar a minha trajetória acadêmica, gostaria de agradecer a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento nesta jornada. Foram muitas as pessoas que estiverem presentes, mesmo estando longe, me encorajando a sempre dar continuidade aos meus projetos e a não desistir.

Inicialmente, gostaria de agradecer aos meus pais, por todo apoio e segurança que me proporcionaram durante esses anos. À minha mãe, por ser a minha heroína, por sempre me incentivar, por todas as vezes em que veio me buscar na parada de ônibus à noite e por ser a minha maior apoiadora. Ao meu pai, que não pode me acompanhar este momento, por dividir comigo o gosto por filmes de História e por sempre acreditar na minha capacidade. Ao meu irmão, agradeço por sempre me apoiar e ser paciente. Não existe um agradecimento grande o suficiente como aquele que vocês merecem.

Aos meus queridos colegas do grupo de pesquisa, agradeço pela amizade, apoio e a acolhida desde o início. Ao meu colega Rogério, agradeço pela parceria, sempre disposto a me auxiliar e a me ouvir, uma grande amizade que a Unisinos me proporcionou. À Manoela, por deixar os meus dias mais alegres e divertidos, um grande presente do meu ano de 2019. Ao Bernardo e o Chrystian, pelo coleguismo e pelas trocas significativas durante as reuniões.

Gostaria de fazer um agradecimento especial à professora Eliane Cristina Deckmann Fleck, minha orientadora. Pela confiança e por sempre ter acreditado em meu trabalho, tanto em relação ao TCC, quanto ao meu projeto de pesquisa na Iniciação Científica. Por ter me apoiado em momentos difíceis e por ser uma constante inspiração em minha trajetória acadêmica. Minha eterna gratidão.

Às minhas colegas, que durante a minha trajetória acadêmica se transformaram nas minhas mais valiosas amigas. Bruna e Raquel, duas grandes amigas, que me deram os maiores presentes que uma pessoa poderia ter, a Helô e o Johnny. Duas amigas maravilhosas que tive a sorte de encontrar e com as quais sempre poderei contar. À Micaela, por sempre me animar com a sua risada contagiante e por todas as histórias que a Unisinos nos proporcionou. À Carolina, por dividir comigo a experiência do TCC, as refeições no RU e os doces da Florinda's, sem contar as inúmeras reuniões virtuais que realizamos nesse período da quarentena.

Agradeço a todos os professores que participaram da minha trajetória, contribuindo para o meu aprendizado, sempre dispostos e prestativos para auxiliar em nossa futura profissão. Vou levar um pedacinho de cada um de vocês, pois todos deixaram marcas significativas durante a minha graduação.

Agradeço, imensamente, às garotas do ônibus da Santo Antônio, Karla, Lorenza, Gabriela, Thuane, Aline e Camila, por serem uma rede de apoio incrível e inspiradora, transformando todas as viagens entre Bento Gonçalves e São Leopoldo em conversas divertidas. Vocês, com toda certeza, serão amigas que permanecerão na minha vida. Ao Carlinhos, o nosso famoso motorista/pai de todas, por sempre estar bem-humorado para ouvir as dificuldades do semestre, nos aguardando com o seu chimarrão, sempre com os melhores conselhos.

Um muito obrigada ao quinteto que me acompanha há exatos vinte anos, Brenda V, Brenda M, Camila e Tália, uma grande rede de apoio e de irmandade.

Às professoras do Colégio Marista, especialmente a professora Paloma Fracalossi por sempre ter me auxiliado em inúmeras questões e me incentivar na área da pesquisa. À Ana Paula, Amanda, Lorenza, Monise e Juliana, pela parceria de sempre.

Agradeço, ainda, ao professor Fernando Ripe, da UFPEL, que gentilmente me auxiliou com materiais de pesquisa para o desenvolvimento desta monografia.

Agradeço aos meus familiares e demais amigos que sempre estiveram me apoiando e que fizeram parte da minha história, compreendendo os momentos em que precisei me ausentar. Muito obrigada!

Há na memória um rio onde navegam
Os barcos da infância, em arcadas
De ramos inquietos que despregam
Sobre as águas as folhas recurvadas.
Há um bater de remos compassado
No silêncio da lisa madrugada
Ondas brancas se afastam para o lado
Com o rumor da seda amarrotada
Há um nascer do sol no sítio exacto
À hora que mais conta duma vida,
Um acordar dos olhos e do tacto,
Um ansiar de sede inextinguida.
Há um retrato de água e de quebranto
Que do fundo rompeu desta memória,
E tudo quanto é rio abre no canto
Que conta do retrato a velha história

SARAMAGO, José. Retrato do poeta quando jovem. "Os Poemas Possíveis", 1966.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde*, escrita em 1721, por Francisco da Fonseca Henriquez, e publicada pela primeira vez em Portugal, privilegiando as receitas indicadas e os cuidados recomendados às crianças portuguesas do século XVIII. No livro, o autor associa medicamentos e alimentos à cada faixa etária, gênero e origem social, o que nos permite identificar as concepções que o médico do rei português D. João V tinha sobre a infância, a maturidade e a velhice. Acreditamos que, ao analisarmos o contexto de produção e de publicação da obra, será possível verificar a sua aplicabilidade na sociedade portuguesa, em especial, no cuidado das crianças. Dentre os autores que têm estudado a *Âncora Medicinal*, estão PALMESI (2014), ABREU (2006, 2010) e CARVALHO DA SILVA (2008). Nenhum deles, no entanto, se deteve nos cuidados e nas receitas indicadas, especificamente às crianças, objeto de estudo desta monografia. A pesquisa se insere nos estudos de História da Medicina, História da Alimentação e de História da Saúde e das Doenças, sendo fundamental, também, o diálogo com autores que se dedicam à História da Infância e à História da Educação.

Palavras – chave: Dietética. Alimentação. Infância. Francisco da Fonseca Henriquez.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig.1 – Frontispício <i>Âncora Medicinal: para conservar a saúde</i> , de 1731.....	40
Fig.2 – Imagem presente na obra “Breves instruções sobre os partos a favor das parteiras das províncias”, de Joseph Raulin, edição de 1818.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro explicativo sobre a divisão etária adotada pelo autor no livro.....	51
Quadro 2 – Exemplos de obras direcionadas à prática dos bons costumes em consonância com a proposta que foi ganhando mais importância ao longo da segunda metade do século XVIII.....	78
Quadro 3 – Exemplos de obras de medicina publicadas no século XVIII em Portugal que tinham como objetivo difundir os cuidados para “conservar a saúde” e orientações para tratar possíveis enfermidades.	81
Quadro 4 – Exemplos de obras de medicina publicadas no século XVIII em Portugal que tinham como objetivo difundir os cuidados para “conservar a saúde” e orientações para tratar possíveis enfermidades.....	82
Quadro 5 – Exemplos de obras de medicina publicadas no século XVIII em Portugal que tinham como objetivo difundir os cuidados para “conservar a saúde” e orientações para tratar possíveis enfermidades.....	83
Quadro 6 – Exemplos de obras de medicina publicadas no século XVIII em Portugal que tinham como objetivo difundir os cuidados para “conservar a saúde” e orientações para tratar possíveis enfermidades.....	84
Quadro 7– Exemplo das associações resultantes entre a teoria humoral, as qualidades corporais, a faixa etária, os temperamentos e as estações do ano, vinculados aos elementos que deveriam constituir o corpo humano, segundo a medicina hipocrática.....	93

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UMA OBRA DE MEDICINA DOMÉSTICA NA 1ª METADE DO SÉCULO XVIII EM PORTUGAL	25
2.1 Considerações iniciais.....	25
2.2 O reino de Portugal na 1ª metade do Século XVIII	25
2.3 O curso da prática de medicina no reino luso no início do século XVIII.....	30
2.4 Francisco da Fonseca Henriquez: o “Doutor Mirandela”	35
2.5 Um tratado dietético de medicina doméstica: a obra <i>Âncora Medicinal: para conservar a saúde</i> , de 1721.....	38
2.6 As seções da obra: as “seis causas externas”	42
3 INFÂNCIA, COMPORTAMENTO E SAÚDE.....	58
3.1 Os significados de um corpo “desvendado”	58
3.2 O universo infantil integrado ao mundo adulto.....	61
3.3 Corpo e infância em Portugal: controlar, alimentar e cuidar	68
3.4 A presença da infância em tratados de medicina e de civilidade na 1ª metade do século XVIII em Portugal.....	80
4 RECEITAS E ORIENTAÇÕES PARA CRIANÇAS CONSERVAREM A SUA SAÚDE.....	89
4.1 As “idades da vida” e os temperamentos do corpo humano.....	89
4.2 As “idades da vida” na obra <i>Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde</i>	94
4.3 Presença feminina na obra <i>Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde</i>	99
4.4 Cuidados e receituários destinados aos meninos na obra <i>Âncora Medicinal</i>	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS.....	127

Quanto aos ofícios das artes de curar nesse período, estes eram definidos conforme a especialidade, distinguindo-se, por exemplo, a profissão de médico e a de cirurgião, seguindo uma rigorosa [...] “hierarquia de agentes, sendo eles os físicos, cirurgiões, boticários, que contavam também com cirurgiões-barbeiros e barbeiros”. (PALMA, 2016, p.84). A esse quadro se somavam os entraves para os estudos de anatomia e dissecações de cadáveres humanos na Faculdade de Medicina, que muito comprometiam a prática médica.⁴ E é através desse contexto que direcionaremos nossas considerações em relação a obra estudada.

A obra *Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde*, escrita pelo médico do rei D. João V, Francisco da Fonseca Henriquez, constitui-se no primeiro tratado de nutrição escrito em língua portuguesa⁵, tendo como objetivo alcançar as camadas mais populares – e as mais variadas faixas etárias – da sociedade portuguesa. Ao dividir as orientações para os diferentes grupos sociais, levando em consideração a idade da pessoa e suas características individuais, o autor realiza um trabalho que atualmente podemos comparar ao de um profissional da saúde especializado na área da Nutrição.

Este tratado foi publicado pela primeira vez, em 1721, tendo sido reeditado nos anos de 1731, 1754, e 1769. Embora essas três primeiras edições tenham sido publicadas em português, nelas é possível encontrar o uso de citações em latim. Para a análise proposta, recorri à edição de 2004, que foi atualizada por um grupo de professores universitários da USP e da UFMT, que, inclusive, acrescentaram um glossário com termos usuais do século XVIII presentes no livro.⁶ Esta versão, por sua vez, conta com um total de 53 capítulos, distribuídos em 5 seções, num total de 300 páginas. Foi escrita e construída de forma didática, com títulos muito específicos em seus capítulos, demonstrando, assim, “que foi escrito para todos os tipos de

⁴ PALMA, Monique. Construção e transferência de saberes médico – cirúrgicos entre Portugal e a América portuguesa no século XVIII. *História e Ciência: Ciência e Poder na Primeira Idade Global*. Porto, 2016, p. 78-93. Ao contextualizar sobre como se encontravam os estudos voltados para a Medicina em Portugal, a autora resalta um importante aspecto de uma das possíveis razões sobre o seu atraso: “Até o século XVIII, os estudos em anatomia encontravam barreiras no seu desenvolvimento, e a igreja não via com bons olhos o fato de se abrir corpos humanos. Em Portugal, isso só foi permitido do ponto de vista legal na segunda metade do século”. (PALMA, Monique, 2016, p.88).

⁵ Consultar as considerações do Dr. Sérgio de Paula Santos sobre a obra no prefácio da edição de 2004.

⁶ O exemplar consultado pertence à professora Dr. ^a Eliane Cristina Deckmann Fleck, coordenadora do projeto ao qual me encontro vinculada, primeiramente, como bolsista PRATIC desde 2018 e, desde agosto de 2019, como bolsista PIBIC-CNPq.

sujeitos que procurassem em seu manual o proceder para ter uma qualidade de vida satisfatória pudesse encontrá-lo”. (AMORIN, 2017, p. 951).

O autor desta obra, Francisco da Fonseca Henriquez, também conhecido como o Dr. Mirandela, foi um médico português que frequentou a Universidade de Coimbra. Ao estruturar esta obra, o autor seguiu uma regra geral pertencente aos regimes dietários, que seriam as “ seis coisas não naturais, ou as seis causas externas”, isto é, “o ar ambiente, o comer e o beber, o sono e a vigília, o movimento e o descanso, os excretos e os retentos, e as paixões da alma”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 31). Estas características evidenciavam que por serem causas “externas”, o enfermo deveria analisar seus principais aspectos e quais se identificavam com o seu organismo, levando em consideração que eram elas que deveriam ser observadas para se conservar o estado de saúde do indivíduo.

As 5 seções estão explicitadas no sumário: Seção I – Do ar ambiente: sendo composta por 2 capítulos que tem como objetivo indicar quais seriam os ares mais adequados para que o indivíduo não adoecesse, bem como os males causados pelos ares mais impuros; Seção II – Dos alimentos em comum: os 10 capítulos presentes nesta seção, versam sobre os efeitos dos alimentos no corpo, o processo de digestão mais adequado, quais os alimentos que melhor se adaptam a cada organismo e a quantidade de refeições indicadas por faixas etárias; Seção III – Dos alimentos em particular: esta seção é formada por 19 capítulos que trabalham com as características de cada alimento, dividindo por grupos específicos, tais como os pães, os animais, os frutos, as hortaliças, entre outros exemplos, objetivando apresentar as suas virtudes medicinais e como consumi-los de forma apropriada; Seção IV – Da água, do vinho e de outras bebidas alimentares e medicamentosas que no presente século se frequentam: em seus 15 capítulos, esta seção busca demonstrar as indicações e orientações no consumo de bebidas frias e quentes, levando em consideração a faixa etária e o gênero da pessoa; Seção V – Do sono e vigília; Do movimento e Descanso; Dos excretos e retentos e das paixões da alma. Ao longo de seus 7 capítulos, o autor refere a quantidade de horas de descanso que uma pessoa deve ter, considerando o tipo de refeição que ela teve, bem como o tempo necessário para que o corpo consiga digerir os alimentos durante o sono, salientando, também, a relevância da atividade física.

A obra trata da alimentação sob diferentes aspectos, tais como a nutrição, o modo de preparo, as virtudes medicinais de cada alimento, bem como suas

características e qualidades, quantidades de consumo e os horários mais indicados para isso.⁷ Estes fatores estavam associados à teoria humoral em vigência na época, sendo que esta compreensão do corpo humano estava associada aos estudos da medicina e da filosofia grega, tendo como base [...] “os escritos hipocráticos (século V a.C.) e a obra de Galeno (século II d.C.) ”. (PORTER; VIGARELLO, 2012, p.442).

Nessa concepção, cada alimento possuiria uma temperatura específica e o corpo humano também, sendo que este seria composto por fluidos corporais. Estes fluidos, por sua vez, distinguem o estado de saúde da pessoa em relação as enfermidades, sendo que quatro deles eram os principais agentes transformadores do corpo humano, sendo caracterizados por PORTER; VIGARELLO, (2012, p.443) como sendo: “Classicamente, esses líquidos, fatores de vitalidade, eram o sangue, a biliar (ou biliar amarela), a fleuma e a melancolia (ou biliar escura) ”.

O autor prescreve receitas, vinculando os alimentos indicados ao organismo correspondente, recomendando a moderação e criticando os excessos cometidos a mesa. Para tanto, ao seguir estas recomendações, os fluidos corporais se manteriam em equilíbrio e, dessa forma, a saúde do indivíduo seria preservada da doença.⁸ Por isso, esse tratado foi considerado uma grande inovação e “surpreendente para a mentalidade da época, por juntar medicina com culinária, ou seja, conselhos de quais alimentos nutrem mais, como devem ser preparados e em quanto tempo, suas texturas e como se adequam aos corpos pela teoria dos humores”. (AMORIM, 2017, p.947).

Considerando o número de reedições dessa obra no século XVIII, é plausível supor que ela tenha sido amplamente divulgada e que suas orientações tenham sido aplicadas pela sociedade portuguesa, uma vez que o autor propõe alimentos e receituários que auxiliam o indivíduo a conservar a sua saúde, uma grande inovação, se comparamos esse manuscrito com outros tratados de medicina do

⁷ HENRIQUEZ, Francisco da Fonseca. Âncora medicinal para conservar a vida com saúde (1721). São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 18.

⁸ Conforme PORTER, Roy. VIGARELLO (2012, p. 445): “O pensamento humoral tinha a sua disposição várias explicações para a passagem da saúde à doença. Tudo corria bem quando os fluidos vitais coexistiam pacificamente em bom equilíbrio de forças: cada um em sua devida proporção, adequação às funções corporais permanentes, como a digestão, a nutrição, a vitalidade e a evacuação dos dejetos”. Acreditava-se também que em casos onde houvesse um desequilíbrio, seja por excesso ou diminuição desses fluidos corporais, eles poderiam ser corrigidos através de uma “dieta específica, cuidados médicos ou cirúrgicos”.

2 UMA OBRA DE MEDICINA DOMÉSTICA NA 1ª METADE DO SÉCULO XVIII EM PORTUGAL

2.1 Considerações iniciais

Antes de nos determos na análise da obra *Âncora Medicinal*, alguns pontos merecem ser destacados, entre eles, o fato da obra ter sido publicada em língua vernácula em um momento que este tipo de escrita não era tão usual. Cabe ressaltar, ainda, que era uma obra destinada às pessoas sãs, com o objetivo de que elas pudessem conservar o seu estado de saúde, demonstrando seu caráter inovador e sua consonância com as preocupações do autor em relação à saúde dos súditos do rei.

Neste primeiro capítulo, apresentaremos o período em que a obra foi escrita, salientando o possível impacto que ela causou na sociedade portuguesa, ao propor os cuidados necessários para uma alimentação mais saudável. Enfocaremos também a prática da medicina adotada em Portugal no início do século XVIII, em boa parte fundamentada em técnicas mais antigas, enquanto boa parte dos reinos europeus já adotavam novas técnicas e descobertas científicas. Finalizaremos com uma apresentação do médico português Francisco da Fonseca Henriquez, bem como da estrutura da obra, analisando os capítulos de forma individual e destacando as suas principais orientações.

2.2 O reino de Portugal na 1ª metade do Século XVIII

O reino de Portugal, na primeira metade do século XVIII, viveu uma intensa fase de transformações, tanto de cunho político, quanto de cunho social e cultural. Sua capital, a cidade de Lisboa, encontrava-se no centro desses acontecimentos, uma vez que sua localização proporcionava belíssimas paisagens, que se contrapunham à própria estrutura da cidade que parecia não conseguir alcançar os traços da modernidade desfrutados já por outras cortes europeias. Essas descrições são ressaltadas por Oliveira (2010, p.112), que afirma que os visitantes estrangeiros faziam referência à ausência de um “clima mais cosmopolita”. Dessa forma, a Lisboa do início do século XVIII, apesar de ser o endereço da família real e dos principais

órgãos administrativos do governo não conseguia resolver pendências de épocas anteriores. “*Por fora bela viola, por dentro pão bolorento.*” Assim se podia descrever Portugal no período joanino”. (AMORIN, 2017, p.945). Essa observação parece reforçar as ressalvas feitas por historiadores ao reino luso na primeira metade do século XVIII.

Momento marcado por controvérsias historiográficas, o reinado de D. João V, bem como sua imagem enquanto governante, vêm, no entanto, merecendo novos estudos, como ressalta a pesquisadora Ana Cristina Araújo em:

Os artifícios e regras de etiqueta da vida cortesã, a festa, a arquitetura de poder, o cerimonial fúnebre, a regulação em público e em privado do retrato do rei, a diplomacia e as práticas de governo do reino, mesmo que nem sempre tratados numa perspectiva sistemática, constituem tópicos fundamentais para a compreensão do corpo político da monarquia portuguesa na primeira metade do século XVIII. (ARAÚJO, 2001, p. 175).

São diversos os trabalhos que objetivam discutir o caráter ambíguo de D. João V e se de fato ele poderia ser caracterizado como rei absolutista, levando em consideração aspectos de seu governo e a importância da liturgia religiosa em seu reinado.⁹ Pois, “o longo reinado de Dom João V é visto pela moderna historiografia como um período de apogeu da monarquia absoluta e da cultura barroca em Portugal”. (TIRAPICOS, 2017, p. 27). Dessa forma, como será exemplificado a seguir, pode-se observar que durante o seu reinado, encontra-se expressiva abertura ao desenvolvimento de segmentos culturais no reino, apesar da presença dos elementos de caráter religioso na corte. Para tanto, existem alguns fatores que contribuíram para essa aliança entre tradição e modernismo. Assim, é importante ressaltar que, “a prática científica lusitana do século XVIII estava entrelaçada com aspectos socioeconômicos, políticos, culturais e religiosos”. (DOLINSKI, 2014, p.36). E será através desses aspectos que iremos apresentar o contexto de Portugal da 1ª metade do século XVIII.

D. João V, o “Rei Sol português” como também ficou conhecido, nasceu em 22 de outubro de 1689 e veio a falecer em 31 de julho de 1750. Durante esse período, foi possível observar uma certa influência de costumes e práticas de corte

⁹ Sobre a prática de condutas adotadas na corte portuguesa, ver: ARAÚJO, Ana Cristina. Ritualidade e poder na corte de D. João V: a gênese simbólica do regalismo político. Revista de História das Ideias. Imprensa da Universidade de Coimbra, Vol. 22, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/2183-8925_22_7>. Acesso em 29/10/2019.

oriundas do reino da França, especialmente do monarca Luiz XIV.¹⁰ Essa predominância também se faria presente nas práticas culinárias, em um período no qual os tratados dietéticos estavam recebendo generosa atenção. Os costumes e os rituais praticados na corte portuguesa objetivavam o enaltecimento da figura do monarca, uma vez que “as transformações sofridas dentro da corte e as modificações culturais e artísticas durante o período joanino [...]” (AMORIM, 2017, p. 946), foram significativas para a manutenção da monarquia e merecem ser valorizadas.

No campo econômico, Portugal conseguia obter grandes retornos financeiros das extrações minerais oriundas de sua Colônia, o Brasil. No que se refere à produção cultural, sabe-se que este setor foi impulsionado com políticas adotadas na segunda metade do século XVIII.¹¹ Entretanto, deve-se ressaltar a importância de algumas contribuições do reinado joanino, como, por exemplo, a fundação da Academia Real da História Portuguesa, em 1720, que, de acordo com Tirapicos (2017, p. 29), essas contribuições e construções, teriam como objetivo, reafirmar o caráter de “centralização” da realeza neste período. Outro importante aspecto cultural adotado foi o da criação de bibliotecas, como a da Universidade de Coimbra e a Biblioteca Real do Paço da Ribeira, entre outros exemplos de reformas empreendidas, para as quais eram destinados incentivos financeiros, uma vez que “o rei interessava-se avidamente pela aquisição de livros para a biblioteca do palácio real, encarregando os representantes diplomáticos da compra de obras nos países em que se encontravam ou por onde andavam”. (VILLALTA, 1999, p. 46).

No reinado de D. João também pode-se observar uma certa influência do movimento iluminista, embora ele tenha sido mais perceptível ao longo da segunda metade do século XVIII em Portugal. No entanto, nesse período, percebe-se que este movimento teria algumas características particulares, como, por exemplo, na já referida presença da religião nas ações culturais promovidas. Pois, a partir desses princípios, tem-se o que muitos autores denominam como “Iluminismo Católico” e, de acordo com as considerações de Luís Tirapicos (2017, p. 35-36), esse Iluminismo teria incorporado elementos do universo do Catolicismo, permitindo que religiosos

¹⁰ “Já em 1706, quando D. João V (1689-1750) assumiu o trono, as mudanças à francesa da corte portuguesa tornavam-se evidentes”. (VIANA & MERLO, 2016, p. 138).

¹¹ TIRAPICOS, Luís Artur Marques. Ciência e diplomacia na corte de D. João V: a acção de João Baptista Carbone, 1722-1750. 2017, Universidade de Lisboa. p. 29.

pudessem atuar e contribuir com a produção intelectual durante o século XVIII. E, embora ele tenha sido mais presente no período posterior ao reinado joanino, existem indícios de que suas concepções teriam obtido considerável alcance nas primeiras décadas do século XVIII (SOUZA apud TIRAPICOS, 2017, p. 36), especialmente se considerarmos um número de publicações e obras realizadas pela monarquia nesse período.

Outra importante menção que enaltece essa proposta do Iluminismo se deu através dos costumes adotados pelo próprio monarca para celebrar a sua glória, uma vez que D. João V teria desenvolvido e estimulado “um gosto pelas novidades científicas, particularmente quando envoltas na dimensão de espetáculo”. (VILLALTA, 1999, p. 46). Portanto, através dessas atividades realizadas na corte, o rei costumava receber alguns estudiosos e religiosos que apresentavam as suas experiências perante a nobreza. Essa observação é perceptível no trabalho de Luís Artur Marques Tirapicos (2017, p. 43), no qual, ao mencionar a “correspondência diplomática” desse período, observa que ela “é fértil em demonstrações do interesse do monarca em novidades das ciências e das técnicas, nos seus instrumentos e nas aplicações úteis ao reino”. Em sua tese de doutorado, o autor apresenta inúmeros exemplos de indivíduos que exerciam diferentes ofícios e que teriam sido recebidos na corte portuguesa, inclusive, podendo receber benefícios se os resultados fossem satisfatórios.

A sociedade lusa no início do século XVIII era constituída por distintas categorias sociais e, conforme Oliveira (2010, p. 113), esse nivelamento das classes sociais provocava uma baixa interação entre os membros da nobreza e do governo com o restante da população. Por conseguinte, o rei costumava se cercar destes nobres em seu círculo mais íntimo, direcionando-os para estes cargos e funções específicas em benefício de sua posição e nascimento. Dessa forma, poderia criar e estabelecer vínculos de dependência, podendo usufruir deles quando necessitasse de apoio político. Desta forma, o governante poderia “aliviar ou evitar o empobrecimento e a ruína de uma família nobre por meio de seu favorecimento pessoal. Ele pode vir em auxílio da família concedendo um cargo na corte ou um posto militar ou diplomático”. (ELIAS, 2001, p. 90).

E esse modelo de distanciamento hierárquico de classes foi bastante usual e conveniente em diversos reinos europeus, sendo que alcançar o privilégio da graça régia impulsionava os grupos dominantes a competirem entre si e a preservar esses

costumes que reforçavam a distinção social. Entretanto, pode-se ressaltar que o reino português era constituído por múltiplos grupos sociais, de diferentes etnias e credos religiosos. Assim, constata-se uma diversificação dos indivíduos que compunham as parcelas menos abastadas desta sociedade, visto que “pelas ruas da velha Lisboa, havia a presença de negros e mestiços que se faziam notar com bastante frequência no dia-a-dia, reforçando a ideia de que, também no centro no império, havia uma quantidade bastante expressiva de homens negros livres e escravos”. (OLIVEIRA, 2010, p.113).

A cidade de Lisboa era constituída também por inúmeras construções religiosas, sendo que algumas eram altamente decoradas e de grande relevância para as práticas rituais religiosas da população. Por conseguinte, não é difícil constatar que “a liturgia religiosa desempenha, desde o início do reinado, uma função primordial na composição sacralizada da imagem do rei”. (ARAÚJO, 2001, p. 178). Dessa forma, a capital lusa incorporou todos os regimentos necessários às práticas de corte e, de acordo com Ricardo Oliveira (2010, p.118), D. João soube dimensionar o “cerimonial” para aproximar a nobreza e, ainda assim, preservar os códigos de conduta necessários à sua posição.

Dessa forma, era possível observar que existiam diversas iniciativas para a elaboração de projetos de características intelectuais, promovendo uma maior difusão do conhecimento, principalmente entre a aristocracia e religiosos. E, mesmo que de forma mais restrita, essas exhibições na corte coexistiram com a preservação de costumes mais tradicionais, especialmente em relação à religiosidade marcante do período. Assim, o governo de D. João V, em função desses conflitos que resultavam em entraves para o progresso científico, se estabeleceu, de acordo com Ricardo Oliveira (2010, p. 129) como sendo um governo que contrastou entre a tradição e os adventos da modernidade, na medida em que, foram criadas [...] “soluções próprias para os problemas que lhe surgiam”. (OLIVEIRA, 2010, p. 129). Esta situação é importante para compreendermos algumas questões que influenciaram o curso da medicina lusitana no século XVIII, como será abordado no próximo tópico.

2.3 O curso da prática de medicina no reino luso no início do século XVIII

Ao refletirmos sobre o exercício da prática da medicina durante o século XVIII, nota-se que ele esteve marcado por inúmeras transformações. Elas, contudo, aconteceram de formas distintas nos diferentes reinos europeus e, curiosamente, em alguns casos, houve uma certa persistência de práticas mais antigas, em relação, sobretudo, ao estudo do corpo humano. Dessa forma, no reino de Portugal os estudos destinados às artes de curar não avançaram na comparação com os demais, visto que eles não incorporaram os novos conhecimentos científicos da época.

Para melhor descrever a conjuntura na qual se inseria a prática médica, deve-se, portanto, considerar os fatores que determinaram essa resistência à modernidade e a manutenção de certos modelos científicos que estavam em vigor. Neste período, prevalecia uma forte influência da teoria hipocrático-galênica nos estudos voltados para a área da saúde na Universidade de Coimbra. Tal modelo de ensino se inspirava na teoria humoral, segundo a qual o corpo humano seria constituído por fluídos corporais e que defendia que

[...] a regulação das três partes principais do corpo – fígado, coração e cérebro – dependia do equilíbrio entre os quatro humores primários – sangue, cólera, fleuma e melancolia. As qualidades dos humores, por sua vez, eram estruturadas por pares de oposição: seco/úmido, frio/quente, delgado/grosso, doce/amargo e as suas funções eram exercidas por relação de simpatia com determinados órgãos. (ABREU, J. 2007, p. 80).

Ao partir desse princípio, as enfermidades seriam o resultado do desequilíbrio entre esses humores, tanto por seu excesso, quanto por sua ausência do organismo.¹² É importante ressaltar que o papel do médico era o de auxiliar na restauração desse equilíbrio e, assim, ele procurava através do processo de cura, atuar sob o princípio dualista hipocrático, sendo necessário “recorrer ao princípio oposto ao que era o da causa da doença”. (MOSSÉ, 1985, p. 47). Esse princípio, inspirado na teoria dos contrários, considerava o temperamento de cada pessoa segundo as suas características individuais, inclusive o sexo da pessoa, como se pode observar nessa passagem citada por MARTINS, L. A. I.C.P.; SILVA, P.J.C. &

¹² “A teoria humoral, que defender que a saúde está relacionada ao equilíbrio dos humores corporais, ou seja, que eles estejam nas quantidades certas e nos lugares corretos e que a doença é decorrente do excesso ou acúmulo de humores em lugares errados, é atribuída normalmente a Hipócrates [...]”. (MARTINS, L. A. I.C.P.; SILVA, P.J.C. & MUTARELLI, S.R.K2008, p.10).

Quadro 1 – Quadro explicativo sobre a divisão etária adotada pelo autor no livro.

Qualidades		Idades		Subdivisão		Estômago		Alimentos	
Q/F	U/S					Calor Natural	Robustez	Qualidades	Qtde
QQ	UU	Iª 0-25	Puerícia	0-5/7	Infância	+++++	-	F, U, L, M.	+++
				5/7-14	Puerícia	++++		+++	
				14-18	Puberdade	+++		++	
				18-25	Adolescência	++		++	
Q	S	IIª 25-35/40	Juvenil			+	++	F, U, S, D. +	+
F	S	IIIª 35/40-45/50	Consistência			-		Q, U. -	-
F	S	IVª 50-	Senilidade			-		Q, U. -	-

Legendas: Qtde = Quantidade; Q = Quente; F = Frio; U = Úmido; L = Líquido; M = Mole; S = Sólido; D = Duro; + e - são indicadores relativos de intensidade, tanto nas quantidades, quanto nas qualidades respectivas.

Fonte: PALMESI, Lucas. Saber e sabor: corpo, medicina e cozinha na obra de Francisco da Fonseca Henriquez, 2014, p. 197.

No capítulo X, intitulado “Do Alimento Próprio de Cada Tempo do Ano”, o autor faz considerações sobre o uso dos alimentos nas diferentes estações do ano. De acordo com Henriquez (2004, p. 81-82), era importante buscar nos alimentos as naturezas contrárias à estação equivalente. No inverno, por exemplo, era recomendado o consumo de alimentos mais quentes e secos, bem como de bebidas. Na primavera, por sua vez, por ser mais temperada, se devia buscar isso nos alimentos. No estio (verão), sempre muito quente e de qualidades secas, recomendava-se o uso de alimentos frios e de característica refrigeradora, pontuando também uma ressalva: “o alimento será moderado, porque, como o calor do estômago neste tempo está menos vigoroso, não poderá cozer bem, se o alimento for muito”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 82). E, por fim, no outono, por ser frio e seco, devia-se dar preferência por alimentos quentes e de qualidade úmida.

Na Seção III “Dos alimentos em particular”, são apresentadas diversas receitas e as principais propriedades medicinais envolvendo cada alimento. O autor dividiu os 19 capítulos da seção de acordo com a espécie do animal ou gênero alimentício. Nessa parte da obra, o autor caracteriza cada animal, considerando a qualidade (quente ou fria), indicando para qual organismo a espécie é indicada. Vale ressaltar que,

[...] a qualidade específica dos alimentos (seco, úmido, quente, frio, de fácil digestão, indigestos, etc.) são ora descobertas de maneira empírica, através dos sentidos, principalmente o paladar e o tato, ora apreendidas racionalmente, graças a experiências pessoais ou praticadas por outros. (MAZZINI, 1998, p. 256).

Esta seção é a maior do livro em conjunto com a quarta seção, onde são trabalhadas as bebidas. Em ambas as seções,

Henriquez preocupou-se em oferecer um conjunto de informações sobre os diversos tipos de alimentos (frutos, raízes, hortaliças, carnes, peixes, bebidas, condimentos), os quais poderiam auxiliar no tratamento das doenças e na recuperação do equilíbrio dos “humores do corpo”, como se dizia então. (ALGRANTI, 2012, p. 18)

Dessa forma, as espécies de animais presentes em cada capítulo, bem como o gênero alimentício aparecem em forma de listas. Nelas, são apresentadas as principais características de cada um deles, indicando a melhor forma de prepará-los e, posteriormente, na parte abaixo, encontram-se as virtudes medicinais de cada um deles. Outra importante menção é a de que o autor indica, em determinados alimentos, as formas para modificar as suas qualidades, através de técnicas de cozimento. Vejamos uma destas indicações. Segundo Henriquez (2004, p. 171), no capítulo XII “Da Hortaliza Sativa e Esculenta”, a Salsa das Hortas seria assim caracterizada:

Salsa das Hortas (Petrofelinum): A salsa é quente e seca, serve de condimento comum para muitos alimentos. [...] Virtudes Medicinai: Tem virtude aperiente com que move a urina e provoca a purgação dos meses⁴⁷, desopila muito bem, dissipa os flatos e socorre aos que padecem cólicas flatulentas e de causa fria.

Quanto aos capítulos que constituem essa seção, podemos citar: Cap. “Do Pão de Trigo”⁴⁸; Cap. II “Do Pão de Centeio, de Milho, de Cevada e Aveia”; Cap. III “Dos Animais Quadrúpedes em Comum”; Cap. IV “Das Carnes dos Quadrúpedes em Particular”; Cap. V “ Das Entranhas e Extremidades do Animais Quadrúpedes”; Cap.

⁴⁷ PURGAÇÃO, f. fi- expulsão de máo humor do corpo y. g. „ do quejem gonorrhœa: ou de humor fobejo; purgação menftrua. § Separação de parte, que turva, e faz impura alguma coifa v. g. „ d purgação do mel, que Je fiepard do af- fucar para o clarificar, a purgação das fezes do£ metaes. § Purgação, modo de fe mofttar inno- cente em juízo, tomando ferro caldo; por. duei- lo A por juramento; deitando-fe atado cmaguã, para ver fe hia, ou não ao fundo. BLUTEAU, Dr. Rafael. Dicionário da Lingua Portuguesa. Reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. – Tomo I. – Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 265. Vale ressaltar que esta é uma das poucas menções sobre o corpo feminino presentes na obra, referindo-se ao período do mêsruo.

⁴⁸ “O pão de trigo é o primeiro alimento descrito por Henriques e possui um capítulo separado dos demais pães. Este é considerado o mais comum alimento da humanidade, sendo ao mesmo tempo o que mais nutre e “corretivo para todos os alimentos com que se mistura” – é alimento e triaga ao mesmo tempo”. (PALMESI, 2014, p. 187).

VI “Das Partes Líquidas dos Quadrúpedes que Servem de Alimento”; Cap. VII “Dos Animais Voadores”; Cap. VIII “ Dos Ovos (Ova Gallinae)”; Cap. IX “Dos Peixes em Comum”; Cap. X “Dos Peixes em Particular”; Cap. XI “Dos Legumes”; Cap. XII “ Da Hortaliça Sativa e Esculenta”; Cap. XIII “Das Raízes Sativas”; Cap. XIV “Das Raízes que se não Semeiam e dos Cogumelos”; Cap. XV “Dos Frutos Sativos”; Cap. XVI “Dos Frutos das Árvores”; Cap. XVII “Dos Frutos Lenhosos”; Cap. XVIII “Dos Condimentos”; Cap. XIX “ Dos Aromas”.

Na seção IV, intitulada “Da Água, do Vinho e de outras bebidas alimentares e medicamentosas que no presente século se frequentam”, são discutidas e analisadas as indicações para o consumo de bebidas de características quentes e frias. Composta por 15 capítulos, ela se propõe a trabalhar com as qualidades e contra-indicações de bebidas como a água, o vinho, os chás, cervejas, chocolates, café, entre outros exemplos.

Dentre as considerações realizadas pelo autor, é possível observar o quanto ele louva a água por ser um importante nutriente para o organismo. E, para que ela pudesse ser considerada boa, deveria ter as seguintes qualidades: “há de ser pura, limpa, clara, translúcida, insípida, sem sabor algum, sem cheiro, tênue, delgada e leve”. (HENRIQUEZ, 2004, p, 215). Porém, reprova veementemente as oriundas de lagoas, observando que eram as “piores”, uma vez que “não se movem, são crassas, impuras e cruas, de fácil corrupção, com que muitas vezes se fazem malignas e pestilentas”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 218). Ressalta, também, que, para extinguir a sede, a água era a bebida ideal. O chá, por sua vez, era muito valorizado enquanto bebida medicamentosa, especialmente em danos causados no estômago e muito útil aos escorbúuticos.⁴⁹

Quanto às propriedades do vinho, o médico os classifica conforme as suas diferenças, como, por exemplo, os vinhos doces que nutrem muito e os vinhos azedos que nutrem pouquíssimo. Sobre a cerveja, adverte para os cuidados necessários quando de seu consumo excessivo, pois podia distorcer os sentidos da pessoa. Já o chocolate, exaltado como uma bebida quente de potentes qualidades, contribuía para o cozimento do estômago. O café, por sua vez, auxiliava no processo de digestão do alimento, mas seu consumo por pessoas de naturezas quentes era reprovado, como iremos demonstrar posteriormente na análise de

⁴⁹ HENRIQUEZ, Francisco da Fonseca. *Âncora Medicinal para conservar a vida com saúde*. São Paulo: Ateliê Editorial (1721), 2004, p. 252.

receitas no terceiro capítulo. Em relação à sidra, recomendava moderação em seu consumo para não embriagar, pois sua ingestão é útil em todas as faixas etárias. Quanto ao hidromel, menciona dois exemplos da bebida, sendo o vinoso “quente e seco, e, para ser bom, há de ficar claro e de um gosto doce e picante”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 259). O hidromel mulso seria composto por água e mel e suas características dependeriam das quantidades de seus ingredientes.

Na seção V, que recebeu o título “Do sono e vigília; do movimento e descanso; dos excretos e retentos e das paixões da alma”, são discutidos alguns aspectos relacionados à quantidade de horas dedicadas ao descanso e de que forma poderiam interferir na alimentação e no processo digestivo. No primeiro capítulo dessa seção, “O que Seja Sono e que Utilidades e Danos Cause no Corpo Humano”, o autor define o que caracteriza o processo do sono, sendo ele “uma prisão dos sentidos externos, ordenada a fim de que os viventes descansem do trabalho que têm na vigília”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 263). Portanto, esse momento deveria ser altamente valorizado, uma vez que, sendo executado com moderação, traria inúmeros benefícios ao corpo e auxiliaria o indivíduo a recuperar sua energia gasta na realização de trabalhos. Porém, o médico adverte também para o seu excesso, que poderia resultar em graves danos, tais como, a “debilitação do corpo, laxa as fibras e enfraquece as partes nervosas; dá uma cor caquética ao rosto e ao corpo todo, grava a cabeça, enchendo-a de vapores e humores”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 264).

Já no segundo capítulo, “Em que Tempo, Quantas Horas e com que Decúbio se Há de Dormir”, o médico recomenda que o dormir aconteça preferencialmente à noite, pois ele poderia perdurar mais e o estômago poderia cozer melhor o alimento do jantar. Reforça, também, que se devia aguardar pelo menos uma hora antes de deitar-se para o que a comida descesse melhor pelo corpo. Esse momento deveria durar até que todo processo de cozimento acontecesse, podendo variar conforme a natureza de cada um. Entretanto, o autor reprovava com veemência os descansos realizados próximos ao horário do almoço. Porém, se houvesse muita necessidade desse repouso em horários alternativos, o indivíduo deveria realizá-lo, pois, como declara na obra, “nós dizemos o que se julga por melhor, mas neste particular siga cada qual o seu costume se se acha bem com ele”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 270).

No capítulo III, intitulado “Que Seja Vigília e Quais os seus Efeitos no Corpo Humano”, inicialmente, o autor define vigília como sendo a “soltura dos sentidos

externos, presos e ligados no tempo do sono”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 271). Caso ela fosse moderada, poderia trazer muitos benefícios ao corpo, facilitando a circulação sanguínea e evitando a ocorrência do sono de forma prolongada.

No capítulo IV, “Do Movimento, ou Exercício. Mostra-se o que Seja Exercício e as Utilidades que dele se Seguem”, o médico define o que caracterizava o movimento e o descanso, sendo que o primeiro se constituiria da prática com frequência de exercícios e o segundo seria o período de ócio.

No capítulo V, “Do descanso. Mostra-se o Muito que Ofende a Falta de Exercício”, o autor caracteriza o descanso como sendo o “contrário ao movimento”, muito necessário para aqueles que gastam grandes quantidades de energia em seus afazeres. Adverte também para que esse descanso não se transformasse em ócio, para que não se tornasse danoso ao organismo, podendo ele se encher de “excrementos e superfluidades que o exercício havia de gastar”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 278). Portanto, a prática de exercícios era um fator primordial para a conservação da saúde.

No capítulo VI intitulado “Dos Excretos e Retentos”, o autor descreve a importância dos excessos ou a diminuição dos excretos para a manutenção da saúde, exemplificando que “por excretos e retentos se devem entender os excrementos do ventre, a urina, a transpiração insensível e o sangue mênstruo”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 279). Para tanto, todas as evacuações deveriam ocorrer com moderação, para que nada pudesse ficar retido dentro do corpo.

No capítulo VII, “Das Paixões da Alma”, temos algumas observações interessantes sobre como os sentimentos podem interferir no comportamento e nos costumes. Henriquez não foi o primeiro a escrever sobre esta temática, pois “desde a Antiguidade, os médicos admitiam que enfermidades poderiam ser causadas por paixões da alma”. (CARVALHO, 2008, p.128). Essas paixões se caracterizam por seu lado positivo e negativo, podendo ser caracterizadas como sendo o amor, a alegria, a ira, a inveja, a esperança, entre outros exemplos. Ele afirma ainda que “todas estas paixões têm grande poder no corpo humano, que não só causam gravíssimos males, mas também mortes e às vezes repentinas”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 283).

Essas sensações, segundo o médico português, possuíam uma relação com a teoria humoral, podendo interferir diretamente nas propriedades do sangue, sendo que ele define como as principais a tristeza, o medo, a ira e o gosto. Por

consequente, essa ideia era o resultado de uma forte influência galênica, sendo que MARTINS, L. A.I.-C.P.; SILVA, P.J.C. & MUTARELLI, S.R.K, (2008, p. 15) explicam que para Galeno, os temperamentos corporais poderiam estar relacionados com as “paixões” e, assim, elas seriam influenciadas pelos humores, como podemos observar em:

Após numerosas pesquisas, eu não descobri porque quando a bÍlis amarela se acumula no cérebro, somos acometidos de delÍrio, nem, no caso da bÍlis negra, sofremos de melancolia, nem ainda porque a fleuma e as substâncias refrigerantes em geral provocam a letargia que desencadeia a perda da memória e da inteligência. (Galeno, século II d.C/1995, p.83, apud MARTINS, L. AI-C.P.; SILVA, P.J.C. & MUTARELLI, S.R.K, 2008, P. 15).

Apesar dessa temática gerar controvérsias entre alguns autores, ela foi muito significativa para alguns tratados médicos. E, na obra *Âncora Medicinal*, temos alguns exemplos dessas conexões. Por exemplo, a tristeza provocaria corrupções no calor natural da pessoa, tornando-a pálida, consumindo toda sua força vital até levá-la à morte. Já o medo é exemplificado como o estado em que as pessoas podiam, inclusive, perder o controle das funções do ventre e da bexiga, do que poderia resultar a morte prematura. Quanto à ira, é caracterizada da seguinte forma: “se é grande, agita veementíssimamente o sangue e os espÍritos, fazendo-o ferver e inflamar, move e aguça a cólera, excita as febres diárias, podres e ardentes e chega muitas vezes a ofender a razão”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 284). Esta, quando em demasia, também podia colaborar para mortes repentinas, sendo que o autor utiliza como exemplo o falecimento de dois imperadores que, de tanto se exaltarem, perderam a sua alma.

O gosto é muito louvado pelo autor, por ser fator que contribuía para a conservação da saúde, pois, conforme HENRIQUEZ (2004, p.284) observou, “sendo moderado, revigora os espÍritos e o sangue, mantendo o corpo mais alegre”. Em excesso, era altamente reprovado, podendo causar uma síncope e levar à morte, especialmente nos “velhos, nas mulheres e em naturezas debilitadas”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 285). Portanto, a recomendação do autor é a de que a pessoa sempre procurasse distrações, diversões, ocupações em seus trabalhos e conversas agradáveis para, assim, sustentar um equilíbrio entre essas paixões.

O conteúdo destas seções revela que as preocupações com as medidas corporais e com uma vida mais saudável, tão difundidas na atualidade, eram já uma inquietação nos séculos que antecederiam a publicação da obra. (CARVALHO, 2008,

p. 121). Nos receituários evidencia-se também a importância atribuída à realização de atividades físicas e também das horas de sono e de lazer, sendo que essas orientações estavam condicionadas à faixa etária e também à estação do ano. As orientações e receitas indicadas por Henriquez, em sua obra *Âncora Medicinal*, evidenciam que a saúde poderia ser mantida ou alcançada através de procedimentos bastante simples, todos eles pautados no equilíbrio e no controle dos excessos.

Neste capítulo, com o intuito de contemplar o primeiro e o segundo objetivo desta monografia, procuramos caracterizar o período de produção e publicação da obra, através da contextualização do reino de Portugal na 1ª metade do século XVIII, sob o reinado de D. João V. Por conseguinte, para atender a esses objetivos, foi fundamental explicar sobre as teorias e as práticas da medicina vigentes no reino luso, para compreendermos em que universo essa obra de medicina doméstica esteve inserida. Após essa contextualização, nos dedicamos a apresentar o autor da obra e suas principais contribuições ao reino de Portugal, bem como a obra *Âncora Medicinal* e as seções que a compõem.

No próximo capítulo, nos detemos nos estudos sobre a concepção da infância na sociedade portuguesa e sobre como eram vistos os sujeitos infantis. Para tanto, apresentamos e discutimos as percepções vigentes à época sobre corpo e as enfermidades mais frequentes em Portugal no período dos Setecentos.

3 INFÂNCIA, COMPORTAMENTO E SAÚDE

Em relação aos cuidados com o corpo presentes na obra *Âncora Medicinal*, é importante destacar que, ao longo do século XVIII, essas normativas passaram por consideráveis transformações. Para tanto, é necessário considerar os principais aspectos em relação a essa temática em períodos anteriores, uma vez que muitas das concepções solidificadas na Europa da Modernidade provinham do período medieval. Essas características, inclusive, encontram-se inseridas em algumas considerações em relação às divisões propostas para as faixas etárias, servindo de inspiração para inúmeros autores, como Francisco da Fonseca Henriquez.

No segundo capítulo, abordamos algumas questões que envolveram o estudo do corpo humano e, principalmente, como a classificação por idades e periodizações não significava que a pessoa era impedida de exercer determinadas tarefas. Nesse caso, é possível observar que o entendimento da infância neste momento se mostra muito distinto daquele da nossa realidade atual, pois não havia uma preocupação mais consistente em relação a aspectos trabalhistas ou educacionais. É importante ressaltar, ainda, que o universo infantil nas sociedades que correspondem ao período medieval e moderno era silenciado, o que torna tão interessante a obra de Henriquez, na medida em que não apenas refere as crianças, como indica receitas para essa faixa etária.

Nosso objetivo, em um primeiro momento, é o de apresentar como as crianças foram retratadas nos tratados de medicina doméstica no reino de Portugal no decorrer do século XVIII, salientando as diferenças entre as ênfases dadas nos publicados na 1ª metade do século XVIII em relação aqueles da segunda metade do século XVIII. Esta distinção decorre das intensas transformações ocorridas em Portugal a partir de 1750, e que se refletem na produção intelectual e científica. Cabe esclarecer, também, que trataremos de crianças do sexo masculino, que mereceram maior atenção do médio português.

3.1 Os significados de um corpo “desvendado”

O corpo humano atravessou os diferentes períodos da História como portador de polêmicas e guardador de segredos, os quais, quando revelados, transmitiam ao seu hospedeiro a ideia de culpabilidade, vergonha ou desonra. Uma vez descoberto,

os estudos sobre a estrutura corporal foram ganhando novas caracterizações na mesma medida em que se consolidavam novas diretrizes para a produção de conhecimento. Dessa forma, o corpo poderia ser alvo de debates sob viés religioso ou científico e, cada um, a sua maneira, buscou elementos para alinhá-lo a sua perspectiva e abordagem. Como bem observado por Roy Porter, “até há pouco tempo, a história do corpo tem sido, em geral, negligenciada” (PORTER, 1992, p. 292), situação que vem sendo alterada, na medida em que vem recebendo a atenção dos pesquisadores.

Do ponto de vista religioso, o ideal de corpo pecador foi bastante difundido no continente europeu durante a Idade Média e boa parte do período moderno pela Igreja Católica, pois o ser humano não poderia estar submisso às suas próprias vontades e desejos, cedendo à prática de costumes inadequados. Essas prerrogativas vão ao encontro da observação realizada por Jacques Gélis (2012, p.20), na qual a concepção de um “corpo depreciado do ser humano pecador [...] encontra-se associada a elementos que o responsabilizam pelas falhas do indivíduo, por sua fraqueza, [...] pois, se houve incessantemente dizer que é pelo corpo que ele corre o risco de perder-se”. Se, por um lado, o corpo estava inserido em diversos rituais, códigos e costumes, por outro, ele também estava mais sujeito a praticar atos imorais, por ser próprio de sua natureza “fraca”. Assim, levando em consideração que ele estava “aprisionado” aos seus próprios desejos, ele teria uma maior propensão às recaídas que ofendem os bons costumes. Nesse aspecto, Roy Porter (1992, p. 304), observa a influência exercida pelo pensamento do indivíduo, que governava a suas atitudes, razão pela qual o corpo ficava “preso” aos caprichos do ser humano. Sob essa perspectiva, ele não deveria ser duramente “penalizado”, visto que, “devido a sua verdadeira natureza (sendo imperfeito, até bestial), podia, paradoxalmente, ser prontamente desculpado (a fraqueza da carne)”. (PORTER, 1992, p. 304).

A religião cristã influenciaria consideravelmente a mentalidade da sociedade europeia no medievo e na modernidade, especialmente em relação a aspectos que envolviam a morte e o preparo do corpo para o descanso eterno, o que pode ser observado na permanência das crenças, muitas vezes supersticiosas, nos rituais funerários. Por exemplo, o perigo que representava para o indivíduo não ter seu corpo preparado para o ato fúnebre e não ser devidamente enterrado, “eis um medo comum nas sociedades antigas em que o morto pode agarrar o vivo a todo

momento, sem que ele esteja preparado para a grande passagem”. (PELLEGRIN, 2012, p.143).

Já os estudos direcionados ao campo científico estiveram, muitas vezes, interligados ao religioso, visto que a Igreja Católica exerceu forte influência na sociedade europeia e sobre os campos de estudo que deveriam receber atenção. Conforme abordado no capítulo anterior, a religião também influenciou o avanço do estudo da medicina e, em alguns reinos europeus, foi mais perceptível a sua presença. Porém, no contexto da sociedade medieval, ela também havia se manifestado na arte de curar, trazendo consigo, um legado proposto por autores da Antiguidade Clássica.

Nesse sentido, vale lembrar o observado por Jacques Le Goff & Nicolas Truong (2006, p.116-117), na obra “Uma história do corpo na Idade Média”, na qual, ao se referirem aos modelos de diagnósticos e às práticas de cura adotadas no período, salientam que em diversas ocasiões, elas estiveram associadas com o ideal de “salvação” do corpo, e assim, a doença possuiria um propósito “divino” para o ser humano”.⁵⁰ E, embora houvessem algumas restrições em relação ao toque corporal e que se fariam sentir no exercício da prática da medicina, principalmente em relação às dissecações de cadáveres humanos, vale ressaltar que, comumente, foram associadas a questões religiosas, que, de certa forma, exerceram considerável influência no assunto. Porém, deve-se considerar que essa convicção de que existia “uma Idade Média obscurantista é resistente em relação a esse assunto, pois “a Igreja nunca proibiu explicitamente a dissecação do corpo humano”. (JACQUART apud LE GOFF & TRUONG, 2006, p.119). Existia, no entanto, um conjunto normativo que as famílias deveriam observar na sua vida privada, incluindo o comportamento sexual, pois cada casal progenitor era constantemente orientado sobre a maneira como deveriam se portar um com o outro.

Quanto ao campo científico e ao estudo do corpo humano, é preciso destacar a contribuição de autores como Galeno, Hipócrates, Celso, entre outros, cujas teorias seriam largamente exploradas nos séculos seguintes, especialmente, em

⁵⁰ Dessa forma, percebe-se que, “na Idade Média, o corpo em si não existe. Ele é sempre penetrado pela alma. Ora, sua saúde é predominante. Assim, a medicina é antes de tudo uma medicina da alma, que passa pelo corpo sem jamais reduzir-se a ele”. (LE GOFF, TRUONG, 2006, p.116). E, assim, tem-se uma junção entre o caminho científico e o religioso.

relação às enfermidades associadas à teoria humoral.⁵¹ E, conforme as discussões já feitas no capítulo anterior, essas associações que envolviam o corpo, a saúde e as enfermidades seriam consideravelmente validadas na prática médica até boa parte do século XIX. Na continuidade, tratamos do surgimento dos critérios de classificação de um indivíduo conforme a sua idade e como eles se manifestaram em tratados de medicina e de civilidade no Setecentos, com ênfase especial, na infância.

3.2 O universo infantil integrado ao mundo adulto

Os sujeitos infantis atravessaram um dificultoso processo durante o século XVIII no que concerne à sua própria sobrevivência. Cabe ressaltar que, essas considerações que envolvem o universo infantil e o seu reconhecimento, especialmente no decorrer do período medieval, suscitaram inúmeras questões entre diversos autores, pois, enquanto alguns afirmam que elas eram consideravelmente desvalorizadas, outros propõem que cada período requer uma análise diferenciada, estabelecendo certos cuidados para não cair em generalizações. Portanto, o que se pode observar é que, conforme atesta Roseane Mendes BERNARTT (2009, p.4228), “as crianças existiram em todos os períodos da humanidade, o tratamento e a relação dessas com a sociedade e seus membros é que projeta o conceito de infância em diferentes períodos”.

Através dessas relações estabelecidas entre os diferentes momentos que a sociedade medieval e a moderna atravessaram, enfocamos questões como a da propagação da “invisibilidade e a secundarização” do público infantil na sociedade europeia. Inicialmente, e levando-se em consideração a participação da criança no seio familiar, é perceptível a existência de uma certa invisibilidade perante a própria família e a sociedade em geral. Porém, é preciso lembrar também que, em virtude dos fatores que contribuía para os altos índices de mortalidade infantil no período, os progenitores já aceitavam a possibilidade da perda familiar como algo rotineiro e

⁵¹ Através dessa concepção, o corpo humano seria composto por fluídos corporais, sendo influenciado pela junção de teorias científicas, filosóficas e astrológicas que deveriam desenvolver o seu significado. Dessa forma, compreende-se que, “os elementos primários constituintes do corpo são a água, o fogo, o ar e a terra. Tais elementos geram as qualidades (quente, frio, seco e úmido) que, organizadas em pares, dão origem aos quatro *humores* (*chymós*). Todas as partes líquidas e sólidas do corpo são compostas por uma mistura ou mescla (*krásis*) de tais humores. As doenças dependerão, na sua maioria, de uma *discrasia* ou desequilíbrio entre a composição natural de tais humores”. (REBOLLO, 2006, p. 56).

previsível, o que fazia com que as crianças fossem percebidas como facilmente “substituíveis”.

Ao considerarmos algumas características do continente europeu, tais como taxas de mortalidade, ocorrência de doenças e a região onde a família estabelecia sua moradia, pode-se observar qual era o grau de proximidade entre o mundo infantil e o mundo adulto. E, através desses cruzamentos, percebe-se que, entre estes dois universos não eram estabelecidos os mesmos critérios de distanciamentos que encontramos atualmente. Como já afirmado anteriormente, interessa-nos esta análise, desvendar qual era a concepção de infância na Europa durante a primeira metade do século XVIII, principalmente, no reino de Portugal.

No continente europeu no período dos Setecentos, o olhar que recaía sobre a infância ainda era muito distinto daquele que temos atualmente. Porém, segundo atestado por Thaís Oliveiras Andrade (2012, p.2), pode-se afirmar que é possível “localizar o início da infância a partir do século XVIII”. Entretanto, é importante compreender como essas concepções foram se desenvolvendo em períodos anteriores, ressaltando que, ainda no decorrer do século XVIII, essas questões seriam muito presentes.

Em razão dessa observação, apresentamos a concepção do corpo no período que equivale à denominada Idade Média (entre os séculos V-XV), para compreendermos como essas percepções foram se alterando até a Modernidade, período em que a obra *Âncora Medicinal* foi publicada. Vale ressaltar que o contexto em que essa sociedade medieval estava inserida era propício para que o corpo fosse alvo de uma “visão” mais pessimista. Para tanto, deve-se levar em consideração que, nessa época, haviam grupos sociais muitos distintos, que viviam ainda sob a vivência das relações feudais e pela fervorosa influência religiosa. Em razão disso, “o corpo é representado de várias maneiras, visto desde a exaltação, até a humilhação e veneração, exercendo, portanto, papéis diferentes nos moldes da sociedade medieval” (SOUZA, M; SILVA, F & OLIVEIRA, V; 2014, p. 3), sendo que a desvalorização incidia, especialmente, sobre os sujeitos infantis, uma vez que

Até o final da Idade Média, a sociedade não reconhecia a infância enquanto um período de vida inerente aos homens, pois a criança era considerada como um “adulto em miniatura”. Dessa forma, os modos de vestir, as conversas, os jogos, as brincadeiras e até o trabalho realizado pelas crianças não a distinguiam do modo de vida dos adultos. (ANDRADE, 2012, p. 3).

pela população, conforme o seu estrato social, nos oferece algumas caracterizações, como a do “trabalhador rústico” ou de pessoas com características mais “delicadas”, associadas à nobreza, através das quais percebe-se a presença de um modelo de hierarquização dos grupos sociais adotado em Portugal. É preciso, também, mencionar que Henriquez, ao fazer essas recomendações – e apontar para as contraindicações do consumo de determinados alimentos – nos apresenta as possíveis consequências, isto é, as enfermidades que poderiam decorrer destes atos, e, inclusive, em algumas situações, o comprometimento do desempenho sexual.

No próximo capítulo, apresentamos e discutimos as indicações feitas pelo médico português para as diferentes faixas etárias, priorizando os cuidados que ele propôs para a “puerícia”. Interessa-nos, também, evidenciar que estes estavam, em grande medida, baseados na teoria humoral e condicionados ao sexo do indivíduo.

importantes, na medida em que apresentam alguns receituários específicos para que houvesse um acompanhamento das diferentes etapas da vida dos indivíduos.

Nesse sentido, cabe destacar que foi possível notar uma crescente preocupação em relação aos cuidados que deveriam ser tomadas em relação às crianças⁹², quer fossem nos primeiros anos de vida ou durante a sua juventude. Essa percepção foi manifestando-se com maior intensidade ao longo do século XVIII, em virtude da quantidade de tratados de medicina e de civilidade publicados e que se propunham a tratar desta temática. Muitos autores recorreram às autoridades da Antiguidade para fundamentar suas considerações nos tratados que escreveram. Vale lembrar que as teorias médicas vigentes na Antiguidade permaneceram relevantes para muitos tratadistas do século XVIII, bem como algumas concepções do período medieval, uma vez que “a maior parte dos clínicos e tratadistas guiava-se pelo humorismo galênico e preservava fórmulas medievais”. (BARRETO, 2007, p. 222). Assim, essas teorias eram incorporadas aos novos conhecimentos científicos que iniciavam seu processo de expansão no continente europeu e, mais tardiamente, em Portugal.

Tais considerações são observáveis nos tratados de medicina publicados no período, uma vez que os autores costumavam utilizar tanto autores clássicos quanto modernos para desenvolver as mais diversas temáticas presentes em suas obras, que tinham como eixo central o corpo humano e que objetivavam desenvolver as suas ramificações. Observa-se que, “seguindo essa tradição, e ao mesmo tempo incorporando inovações da medicina, os manuais de medicina portugueses se ocupavam de vários temas, como a alimentação, a sexualidade e a educação física”. (ABREU, J. 2010, p. 240). Considerando, especificamente, a alimentação, as orientações respeitavam as particularidades de cada indivíduo, sua classe social, o ambiente em que vivia, os hábitos alimentares e de higiene de seu cotidiano e, principalmente, o seu temperamento, que era tributário de um esquema no qual a diferenciação se dava a partir do sexo do indivíduo e das qualidades dos seus humores.

Há uma série de tratadistas que enaltecem esses critérios e cuidados, reforçando que essas orientações deveriam ser observadas com mais rigor. Muitos

⁹² As faixas etárias eram fundamentais para orientar o público leitor, para que houvesse um acompanhamento mais adequado, pois, “o estudo das “idades da vida”, ou melhor, das idades do crescimento do indivíduo permite-nos ver qual era o sentido que se atribuía a diferentes momentos da evolução da criança”. (FERREIRA, 2010, p. 230).

deles buscavam também uma maior interação com seu público leitor, conforme observado em diversas sociedades europeias, pois “para o indivíduo do século XVIII, nada é mais importante para a conservação da saúde do que uma vigilância em relação a tudo o que pode penetrar o corpo, influenciando sobre os humores e as funções vitais”. (BARREIROS, 2014, p. 66).

Uma das características mais marcantes em relação a estes tratados era a de que, para se obter uma boa qualidade de vida e evitar enfermidades, o indivíduo deveria ter um controle maior sobre a sua alimentação⁹³, especialmente quando consideramos que “a palavra de ordem a imperar entre os médicos era a da moderação”. (ABREU, J. 2010, p. 241). Foram muitos os autores que defenderam hábitos de alimentação e higiene mais equilibrados, com vistas a garantir um estado de saúde perfeito. Considerando-se a prática e o ensino da medicina na 1ª metade do século XVIII, observa-se, como já anunciado, uma grande influência da teoria humoral e dos temperamentos corporais para guiar as prescrições médicas, sendo que acreditava-se que influíam no surgimento de enfermidades e de certos comportamentos.

Conforme as considerações de MARTINS, L. A.I.-C.P.; SILVA, P.J.C. & MUTARELLI, S.R.K (2008, p. 13), essas teorias que envolviam a lógica dos temperamentos corporais possuem ligação com a doutrina galênica, uma vez que, para Galeno, “cada pessoa já nasceria com uma certa combinação ou “tempero” dos quatro humores básicos”. As orientações de Galeno são de extrema importância para compreendermos a produção de tratados médicos da primeira metade do século XVIII:

[...] dentro da classificação adotada por Galeno podem ser incluídos os quatro temperamentos básicos que foram adotados pela medicina ocidental durante os vários séculos que se seguiram e que enumeramos a seguir: temperamento sanguíneo: onde há predominância do sangue; temperamento bilioso ou colérico: onde ocorre a predominância da bÍlis amarela; temperamento melancólico: onde há predominância da bÍlis negra; temperamento fleumático: onde ocorre a predominância do muco ou fleuma. (MARTINS, L. A.I.-C.P.; SILVA, P.J.C. & MUTARELLI, S.R.K (2008, p.14).

⁹³ Essas características estão muito presentes ao longo da obra *Âncora Medicinal*, pois Francisco da Fonseca Henriquez defendia, além de uma alimentação saudável, um “modelo” de vida inspirado na moderação, no equilíbrio em todas as ações desenvolvidas pela pessoa. Em razão disso, “os conselhos para garantir a saúde procuravam orientar a conduta, evitando assim todo o tipo de excessos” (ABREU, 2010, p. 241), o que manifestou-se em todos os capítulos propostos pelo médico português.

No caso de tratados dietéticos, os autores recorriam às características dos alimentos para que cada indivíduo conseguisse repor o humor necessário, visto que “para garantir a conservação da saúde homens, mulheres e crianças deviam seguir por uma série de regras, já que todos os comportamentos podiam adquirir um caráter negativo ou positivo sobre o corpo”. (ABREU, J. 2010, p. 240). Em síntese, essas qualidades contribuía para um bom funcionamento do corpo humano. Nesse sentido, a partir dos apontamentos realizados pela autora Regina Andrés Rebollo (2006), temos importantes contribuições acerca das proposições que nortearam a construção da teoria humoral hipocrático-galênica. Ao analisar o legado dos tratados médicos hipocráticos, a autora afirma que esses escritos foram “uma realização coletiva”, sendo constantemente reeditados com acréscimos e correções realizadas por outros autores⁹⁴, influenciando, assim, a concepção da medicina que foi sendo “construída” no Ocidente. (REBOLLO, 2006, p. 45). Nestes escritos, encontram-se os principais fundamentos da teoria humoral e seus autores propuseram um esquema de associações “que correlacionou as faixas etárias, as estações ano e os temperamentos humanos” (REBOLLO, 2006, p. 56), caracterizando, dessa forma, o embasamento para a medicina hipocrática, conforme podemos observar no modelo proposto abaixo:

⁹⁴ De acordo com Regina Andrés Rebollo (2006), um dos maiores intérpretes destes tratados teria sido Galeno, pois foi através dele que “os tratados hipocráticos foram conhecidos à luz de sua filosofia natural, ela própria um esforço monumental para reconciliar Hipócrates, Platão e Aristóteles”. (REBOLLO, 2006, p. 46).

especialmente em relação ao sexo”. (CARNEIRO, 2003, p. 15). Estas associações entre alimentos e sexo estão muito presentes nas receitas propostas pelo autor Francisco da Fonseca Henriquez, como veremos adiante.

Em suma, essas características individuais, somadas ao sexo do indivíduo, interferiam na adoção de um modelo dietético que indicava o alimento de acordo com o temperamento da pessoa e sua faixa etária. Essas relações foram de extrema importância para que os médicos auxiliassem o povo na conservação do seu estado de saúde, uma vez que, para a concepção hipocrático – galênica, o médico deveria avaliar

[...] a idade e os traços dominantes do paciente quando fazem as suas prescrições. As crianças são quentes e úmidas, os jovens são quentes e secos, os adultos secos e frios, os velhos úmidos (ou secos) e frios. Dessa forma, os alimentos secos e frios são adequados para as crianças; deve-se aconselhar os jovens a ingerir alimentos frios e úmidos [...]. (MAZZINI, 1998, p. 259).

Assim, é perceptível o quanto essas considerações foram relevantes para os tratados de medicina, em especial na obra *Âncora Medicinal*, na qual o autor dedicou um capítulo inteiro de seu tratado com a finalidade de tratar sobre “à adequação dos alimentos a cada idade da vida e temperamento do corpo” (MARTINS, L. AI-C.P.; SILVA, P.J.C. & MUTARELLI, S.R.K., 2008, p.18), conforme veremos no próximo tópico deste capítulo, no qual apresentamos as considerações do autor sobre as chamadas “idades da vida”.

4.2 As “idades da vida” na obra *Âncora Medicinal*: para conservar a vida com saúde

A seção II, denominada como “Dos Alimentos em Comum”, é composta por 10 capítulos que tem como objetivo orientar o indivíduo sobre as quantidades e os horários mais adequados para o consumo do alimento, bem como sobre as formas em que ele pode vir a ser processado dentro do organismo, através do processo de digestão. Nesse sentido, deve-se destacar a importância do capítulo IX – Do Alimento Próprio para Cada Idade e Temperamento, pois ele tem como objetivo explicar os critérios que o autor adotou para classificar cada uma das idades que foram consideradas nas receitas dietéticas prescritas.

Francisco da Fonseca Henriquez define características que permitem a classificação de cada faixa etária, descrevendo-as como [...] “aqueles espaços de

tempo que há entre as mudanças que no decurso dos anos se experimentaram na constituição do corpo humano, de que são quatro as principais diferenças”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 77). Estas quatro idades propostas pelo médico português são denominadas como sendo a puerícia⁹⁶, a juvenil⁹⁷, a consistência⁹⁸ e a senilidade⁹⁹, sendo que cada uma delas requer uma atenção especial no que concerne ao uso de alimentos, levando em consideração as principais características desenvolvidas em cada etapa, como veremos a seguir. Com efeito, deve-se reforçar que “as idades, as fases, os estágios são tentativas de sinalizar as qualidades do seu desenvolvimento”. (FERREIRA, 2010, p.231). Na obra *Âncora Medicinal*, importantes relações são estabelecidas entre estas idades e os indivíduos do sexo masculino, as quais serão explanadas atendendo aos objetivos propostos para esta monografia.

Em relação à idade intitulada como “puerícia”, o médico português exalta o seu calor natural como sendo a grande propriedade norteadora de seu comportamento. Por isso, em virtude do excessivo “calor” que o indivíduo produzia, o autor reforça que esses organismos necessitavam de “alimentos refrigerantes; e por ser a idade em que cresce e se aumenta o corpo, necessita também de alimentos úmidos, com que há de ser a dieta dos meninos, fria e úmida”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 77). Especialmente quando consideramos que esta “fase” era equivalente ao período que corresponderia à adolescência. Por conseguinte, suas indicações alimentares encontravam-se relacionadas com uma série de restrições e, nesse aspecto, o autor recorre a exemplos, utilizando-se de um referencial teórico da Antiguidade. Dentre elas estão as recomendações de Platão, que “advertiu que nesta idade não se bebesse vinho, porque seria escandecer o calor do corpo com o calor do vinho: “*Quia ignem igni adere non oportet*”.¹⁰⁰ (PLATÃO apud HENRIQUEZ, 2004, p. 77). Sob essa perspectiva, o consumo de vinho resultaria em danos gravíssimos.

⁹⁶ Sobre a puerícia, o autor estabelece desde o início da vida até os 25 anos e, “incluí em si a infância [...], abrangendo também o período da “adolescência”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 77).

⁹⁷ De acordo com Henriquez (2004, p. 77), esta idade corresponderia dos “vinte e cinco anos até os trinta e cinco ou quarenta anos”.

⁹⁸ Nesta idade, se parte de onde parou a juvenilidade, indo “até os quarenta e cinco ou cinquenta”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 77).

⁹⁹ Para esta idade, o autor designou o período que equivale “desde os cinquenta anos até o fim da vida”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 77).

¹⁰⁰ “Porque não é preciso acrescentar fogo ao fogo”. (PLATÃO apud HENRIQUEZ, 2004, p. 77).

Outra importante menção é feita a Galeno que, indo ao encontro destas orientações, reforça a colocação de que os progenitores deveriam ser constantemente advertidos, principalmente aqueles que [...] “criam seus filhos com vinho, com chocolate, com chá, com café e outras bebidas quentes e dessecantes, com que não só se aumenta o calor, mas também se pode inibir o aumento das partes do corpo, para o que necessita de umidade”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 78). Deve-se levar em consideração, conforme mencionado anteriormente, que a teoria dos temperamentos opostos estava em vigor neste período e que, devido à natureza quente destas bebidas, estas não eram recomendadas às pessoas de sexo masculino quando estes fossem jovens, pois apresentavam também uma natureza “quente”. Ressaltamos que o consumo destas bebidas será discutido no tópico seguinte, com destaque para os seus benefícios e restrições. Já Hipócrates estabelece uma curiosa comparação entre o consumo de “alimentos refrigeradores” por meninos e para os enfermos que estivessem padecendo de febres gravíssimas, como se pode constatar na seguinte afirmação: “*Victus humidus febricitantibus omnibus convenit, máxime vero pueris*”.¹⁰¹ (HIPÓCRATES apud HENRIQUEZ, 2004, p. 78).

Outra importante orientação e que deveria ser levada em consideração, além da qualidade refrigeradora do alimento era quantidade que deveria ser consumida. Dessa forma, salienta-se a importância, de acordo com Henriquez (2004, p. 78), de que nesta faixa etária certos alimentos deveriam ser consumidos em maiores quantidades do que nas demais idades, pois o calor que era gerado pelo seu desenvolvimento poderia influenciar o crescimento de determinadas partes do corpo humano. Por isso, se a quantidade de alimento não fosse adequada à estrutura do corpo ela poderia acarretar na diminuição do corpo, ainda mais em “um corpo tão delicado e tenro, como é o dos meninos”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 78). Por essa razão, recomendava Hipócrates (apud Henriquez, 2004, p. 78): “*Qui crescunt plurimum habent calidi innati, plurimo igitur egent alimento, alioqui corpus absumitur*”.¹⁰² Já o autor da obra propõe uma ressalva para estas recomendações, pois “na puberdade e na adolescência, em que é mais temperado o calor, deve ser o alimento mais moderado, assim nas qualidades como na quantidade. Menos em

¹⁰¹ “O alimento úmido convém aos febricitantes, possivelmente, porém aos meninos”. (HIPÓCRATES apud HENRIQUEZ, 2004, p. 78)

¹⁰² “Os que crescem têm muito de cálidos por natureza, portanto necessitam de muitíssimo alimento, caso contrário o corpo será consumido”. (HIPÓCRATES apud HENRIQUEZ, 2004, p. 78).

tudo que na puerícia, porém mais que em todas as outras idades”. (HENRIQUEZ, 2004, p.78).

Quanto à idade juvenil, esta estava associada a uma grande quantidade de “calor e secura”, necessitando, portanto, de “alimentos frios e úmidos”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 78). No entanto, chama a atenção uma considerável restrição, pois, segundo ele, “na puerícia é preciso que os alimentos sejam líquidos, moles e de mais fácil cozimento e na juvenildade, mais sólidos, ainda que de cozimento mais difícil, porque o estômago, nesta idade mais robusto, os poderá melhor cozer”.¹⁰³ Ressaltando, ainda, que nesta etapa da vida, não se recomendava o consumo de “alimentos quentes e secos, particularmente o vinho, com o qual entendeu Galeno que se fariam os mancebos que o bebessem irados e libidinosos”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 78). Por sua vez, para as idades referentes a consistência e a senilidade, ambas consideradas “frias e secas”, seriam necessários

[...] alimentos quentes e úmidos, entre os quais tem o primeiro lugar o vinho, que comumente se chama o leite dos velhos, porque vigora o seu calor, ajuda a cozer o estômago, dissipa os flatos que resultam das suas crupezas, refaz as forças, regenera os espíritos em que elas consistem, alegra o coração e rebate as forças da melancolia. (HENRIQUEZ, 2004, p. 78).

Quanto à importância do vinho enquanto bebida medicamentosa, no próximo tópico serão apresentadas as indicações e restrições ao seu consumo. Adiantamos que era muito valorizado por Platão, que vinculava os seus benefícios à religião: “*Deus vinum hominibus, quasi auxiliare adversus senectutis austeritatem pharmacum, largitus est, ut rejuvenescere videantur, et maestitiae nos oblivio capiat, atque ipse hominis habitus mollis, e duro factus, ut ferrum igni impositum, tractabilior fiat*”.¹⁰⁴ (PLATÃO apud HENRIQUEZ, 2004, p. 79). Assim, para esta idade, o médico português recomendava que o consumo de alimentos fosse mais moderado que nas demais, “porque o pouco calor natural do estômago nos velhos e a debilidade do seu ácido não pedem muita cópia de alimento”.¹⁰⁵ (HENRIQUEZ, 2004, p. 79).

¹⁰³ HENRIQUEZ, Francisco da Fonseca. *Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde*. São Paulo: Ateliê Editorial (1721), 2004, p.78.

¹⁰⁴ “Deus deu o vinho aos homens como medicina auxiliar contra a austeridade da velhice, para que pareçam que estejam rejuvenescendo e para que o esquecimento da tristeza nos domine e o próprio hábito mole do homem, surgido do duro, como o ferro posto no fogo, torne-se mais tratável”. (PLATÃO apud HENRIQUEZ, 2004, p. 79).

¹⁰⁵ Em relação a este consumo de alimentos, segundo HIPÓCRATES apud HENRIQUEZ (2004, p. 79): “*Senibus parum innati calidi inest, paucis propterea fomitibus eget, quia a multisextinguitur*”. (Nos velhos existe pouco calor inato, por esta razão necessitam de poucos alimentos, porque por muitos alimentos o seu calor se extingue).

Conforme o autor, havia uma relação entre as idades, os alimentos consumidos e o temperamento de cada indivíduo, sendo que “os quentes e secos querem alimentos frios e úmidos e assim os mais pedem dieta de qualidades contrárias” (HENRIQUEZ, 2004, p. 79), em consonância com os princípios da teoria hipocrático – galênica, que propunha a terapêutica dos “opostos”.¹⁰⁶ Cabe observar que muitas destas considerações envolviam os indivíduos do sexo masculino e, atendendo aos objetivos propostos para esta monografia, no último tópico deste capítulo serão apresentadas as orientações indicadas especificamente para os meninos na obra *Âncora Medicinal*, a partir das principais características definidas pelo autor para este grupo.

Na sequência, abordaremos as menções feitas às meninas e às mulheres¹⁰⁷ na *Âncora Medicinal*, uma vez que Henriquez as menciona em situações muito específicas, tais como quando refere-se aos partos, ao período do mês-truo¹⁰⁸ e aos cuidados com o útero, que as inserem em um discurso sobre a maternidade.¹⁰⁹ Consideramos importante destacar que na obra não existem receituários direcionados especificamente às “meninas”, contrastando com as prescrições destinadas aos “meninos”, o que parece estar relacionado com a percepção sobre o papel que esses potenciais súditos da Coroa portuguesa viriam a desempenhar para o Estado.

¹⁰⁶ Sob o princípio atuante entre os opostos, na medicina hipocrático-galênica, Innocenzo Mazzini (1998) observa que o sexo do indivíduo não poderia passar despercebido para a construção destas orientações. Dessa forma, “já que o úmido e o frio predominam entre as mulheres, enquanto os homens têm tendência para ser secos e quentes, é claro que os alimentos secos e quentes convirão às primeiras e os frios e úmidos aos segundos”. (MAZZINI, 1998, p. 259).

¹⁰⁷ MULHER, fi fi fêmea da espécie humana. § *Matrona*, op"pofto a *marido*. § *do mundo*, meretriz. *Eufir*. 1. z, BLUTEAU, Dr. Rafael. Dicionário da Língua Portuguesa. Reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. – Tomo I. – Lisboa: Na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 103.

¹⁰⁸ MÊNSTRUO, fi m. a baixa, regra, catamênios, ou purgação de fangue, que as mulneres tem cada mez. § *na Qjtimict* he o corpo liquido diffolvente v. g., a *água he mcnflrito das ganimas; a água regia do oiro*, &c. BLUTEAU, Dr. Rafael. Dicionário da Língua Portuguesa. Reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. – Tomo I. – Lisboa: Na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 74.

¹⁰⁹ Deve-se levar em consideração que, durante muito tempo, prevaleceu nos tratados médicos “a percepção que o saber médico tinha do corpo feminino direcionava-se principalmente para a maternidade”. (ABREU, 2010, p. 244). Sendo que, durante o século XVIII, ainda encontramos exemplos dessa produção tratadística que direciona o olhar feminino para este viés.

4.3 Presença feminina na obra *Âncora Medicinal*: para conservar a vida com saúde

Como já mencionado, na obra analisada, a presença feminina está atrelada à condição de mãe e gestante das mulheres, observando-se uma disparidade em relação às orientações dirigidas aos meninos e às meninas. Contudo, vale ressaltar que, conforme observado por Jean Abreu (2010), ao analisar tratados que se detinham no período gestacional e nos cuidados posteriores a essa fase, “uma das primeiras obras em Portugal a se dedicar à questão da puericultura foi *Medicina Lusitana* (1731), de Francisco da Fonseca Henriquez”. (ABREU, J. 2010, p. 244). Deve-se ter presente, portanto, que o médico português dedicou uma atenção especial às mulheres em outra obra, que não estamos analisando. Já na *Âncora Medicinal*, ganharam maior destaque aquelas orientações destinadas à conservação da saúde dos indivíduos do sexo masculino.

A maioria das recomendações que fazem menção às meninas e às mulheres podem ser encontradas na Seção III, “Dos alimentos em particular”, na qual são descritos em detalhes as características de determinados animais que podem servir de alimento ou, então, usados no fabrico de medicamentos.

Inicialmente, iremos discorrer sobre os alimentos presentes no capítulo IV, “Das Carnes dos Quadrúpedes em Particular”. A primeira menção a ser analisada está inserida na descrição das virtudes medicinais da carne de vaca. Sobre este animal, Henriquez enaltece sua natureza “fria e seca, crassa e dura”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 95). O médico também aponta para o uso de suas unhas, aconselhando que “a cinza da unha de vaca, bebida, faz tornar o leite às mulheres que criam e é remédio nas queixas das almorreimas”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 96). No exemplo que destacamos, é plausível supor que o médico estivesse referindo-se a mulheres em período de amamentação e pertinente lembrar que o período de amamentação era alvo da atenção dos autores de tratados de medicina durante o século XVIII (ABREU, J. 2010, p. 245).

A carne de veado, por sua vez, é caracterizada como “quente e seca” (HENRIQUEZ, 2004, p. 102) e, quando ingerida, demorava a ser processada pelo organismo, podendo existir algumas variações conforme a idade do animal. Sobre a sua aplicação medicinal, são relatados diversos aproveitamentos desse animal, especialmente para mulheres gestantes, os quais podem causar uma certa

estranheza nos tempos atuais. Henriquez observa que, através do “fumo do seu pelo, tomado por baixo, preserva de aborto” e, ainda, que “facilita o parto e faz excluir o feto morto”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 103-104). Tem-se, aqui, dois usos medicinais do pelo de veado, tanto para assegurar a gravidez, impedindo o aborto, quanto para expelir o feto quando esse viesse a ocorrer.

A lebre é descrita como sendo “quente e muito seca” (HENRIQUEZ, 2004, p. 104), sendo que o autor salienta o seu dificultoso processo de cozimento, valorizando, no entanto, a sua contribuição enquanto alimento de alto teor nutritivo. Dentre as diversas virtudes medicinais deste animal, o médico menciona que “os pós do coração da lebre, tomados em vinho, são bons para acidentes do útero”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 105). Mais uma vez, observa-se a menção aos cuidados com o útero, numa referência ao sexo feminino em um capítulo que não trata delas especificamente.

No capítulo VII, “Dos Animais Voadores”, temos alguns exemplos do uso dos animais enquanto alimento e, também, sobre a utilidade de suas partes, inclusive de seus dejetos, para a conservação da saúde, como é o caso, por exemplo, dos pombos. Sobre estas aves, o autor ressalta que eram “quentes e secos, cozem-se mal e gera-se deles sangue crasso e melancólico”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 117). Ainda assim, possuem importantes virtudes para a conservação da saúde, sendo que em uma delas Henriquez (2004, p. 118) ressalta que o “fumo do seu esterco, tomado pelo nariz, facilita o parto”. Tanto o esterco, quanto a urina aparecem constantemente ao longo do tratado, e, neste caso, associado à uma situação que envolve, especificamente, as mulheres.

Em relação à carne de perdiz, devido ao alto nível de calor de suas qualidades, o autor afirma que era altamente recomendada para as mulheres. A primeira menção é a que se refere ao uso dos seus ovos, os quais, ao serem bebidos, “facilitam o parto e conduzem para a fecundação das mulheres, segundo escreve Plínio, e aumentam o leite nos peitos, misturados com enxúndia de adem e untando-os com eles”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 120). Outra importante menção, dessa vez associada ao termo útero, é a que traz a orientação de que “o fumo de suas penas chegado ao nariz é bom para as sufocações e acidentes do útero”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 120). Chamou-nos a atenção a importância que o autor dá a esse animal, pois encontramos receitas e recomendações que preveem o seu uso tanto para mulheres quanto para meninos ao longo da obra.

Sobre a galinhola, o autor as caracteriza como sendo “quentes e secas, cozem-se bem, gera-se delas bom sangue” (HENRIQUEZ, 2004, p. 121), apresentando virtudes medicinais que poderiam ser empregadas no tratamento de mulheres. De acordo com Henriquez (2004, p. 121-122), elas possuem “virtude para as purgações brancas¹¹⁰ das mulheres, para o que se há de meter viva em uma panela bem tapada com massa, queimá-la no forno, fazê-la em pó, de que se tomem duas oitavas cada manhã em jejum, muitos dias continuados, em líquido conveniente”. Mais uma vez, constata-se que, mesmo indiretamente e em capítulos que tratam sobre alimentos recomendados, o médico português não descuidou de mencionar as mulheres na obra que estamos analisando.

Virtudes semelhantes podem ser encontradas nas rolas, que são descritas como “secas e moderadas no calor” (HENRIQUEZ, 2004, p. 122), apresentando também muitas virtudes medicinais para o corpo feminino, pois “das rolas se escreve que, torradas no forno e feitas em pó, têm virtude para curar as flores brancas¹¹¹ das mulheres e a purgação dos meses desregrados, tomando-os muitos dias continuados em líquido apropriado”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 122). Neste caso, há referências ao período do mênstruo e à ocorrência de corrimentos incômodos. De acordo com o médico português, se o animal fosse ingerido, poderia ser aproveitado “nos fluxos de sangue e facilita os partos, comendo-a alguns dias antes”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 122). Como se pode observar, o autor, mais uma vez, vinculou as virtudes medicinais desse animal com situações próprias do período gestacional e reprodutivo da mulher.

No capítulo X, “Dos Peixes em Particular”, o autor menciona a Enguia ou Eirol, peixe de grande prestígio entre os autores antigos. Porém, para Henriquez, ela é “um peixe limoso, crasso, lento, que se coze mal no estômago, o qual subverte e causa obstruções” (HENRIQUEZ, 2004, p. 141), sendo responsável por uma série de prejuízos ao corpo, inclusive, para o atraso da “purgação do mênstruo”. E, embora o autor apontasse para restrições ao seu consumo, destaca algumas de suas virtudes medicinais, inclusive, para o período gestacional, pois, de acordo com Henriquez (2004, p. 142), “os pós do fígado de enguia facilitam o parto dificultoso”. Outra referência ao corpo feminino, encontra-se na orientação de que “o fumo da

¹¹⁰ “Purgações brancas: inflamações que derivam em flores brancas, cândida albicans, secreção branca”. Glossário do livro *Âncora Medicinal*, edição de 2004, p. 291).

¹¹¹ “Flores brancas: flúor albo, leucorréia, corrimento, secreção vulvovaginal branca, ácida, com coceira”. Glossário do livro *Âncora Medicinal*, edição de 2004, p. 289).

pele da enguia salgada cura as dores de ventre na disenteria, recebendo-o no intestino reto, e é remédio para a procidência do útero”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 142). Vale ressaltar, que o uso do termo “ventre” aparece associado tanto aos meninos, quanto às meninas, enquanto que a menção feita a “útero” constitui-se em referência evidente ao corpo feminino e às enfermidades próprias desse sexo.

Sobre o peixe ujo, Henriquez afirma que, por seu alto teor de veneno, tinha cauda cortada após ser pescado.¹¹² Quanto às suas virtudes medicinais vinculadas às mulheres, elas encontram-se localizadas no seu “raio”, que, ao ser “untado com óleo de meimendo, tocando no útero prolapso, o faz recolher”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 145). Os mexilhões, apesar de suas más qualidades, também apresentam virtudes medicinais, uma vez “que o seu caldo move o ventre” e, também, é bom para “provocar a purgação dos meses”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 154). Nestes dois casos, o autor fez menção ao prolapso do útero e ao período do mênstruo feminino, a partir do reconhecimento de virtudes medicinais para situações de comprometimento da saúde das mulheres.

Em relação ao período gestacional, Henriquez destaca o peixe conhecido como tremelga, que, segundo Galeno, era “considerado um peixe cartilagíneo, mole e agradável”. (apud HENRIQUEZ, 2004, p. 145). O médico português recorreu a outros autores da Antiguidade, para ressaltar suas virtudes medicinais, como se pode observar nessa orientação: “Plínio diz que facilita os partos, sendo pescada estando a lua no signo de Libra e tendo-a três dias ao sereno, o que Holério atribui ao vigor que a natureza toma na moderação das dores, que a tremelga suspende”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 145). Ao mencionar a lixa, peixe considerado “duro, de pele áspera, que não é escamoso” (HENRIQUEZ, 2004, p. 146), o autor faz referência aos órgãos genitais, ao afirmar que “a cinza da sua pele cura as pústulas das partes obscenas” (HENRIQUEZ, 2004, p. 146), numa clara alusão a doenças venéreas.

Sobre o polvo, Henriquez (2004, p. 151) afirma que é “peixe duro, indigesto e de difícil cozimento”, sendo que era altamente reprovado pelos “danos” causados ao organismo e por incitar o indivíduo à prática “de atos libidinosos”. Mas, o médico também aponta para algumas de suas virtudes medicinais, que estavam condicionadas à forma como era consumido, uma vez que, quando “cozido em vinho para a hidropsia, assim universal como do útero, e para provocar a purgação do

¹¹² HENRIQUEZ, Francisco da Fonseca. *Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde*. São Paulo: Ateliê Editorial (1721), 2004, p.145.

parto e dos meses” (HENRIQUEZ, 2004, p. 151), como já havia mencionado Hipócrates. Henriquez também faz referência a Aécio, que afirmava que, quando consumido, “o polvo estimula para atos libidinosos e que é bom para os que se acham fracos na palestra de Vênus”, pois “dele se gera muita matéria seminal”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 151). Mais uma vez, constata-se que as mulheres são consideradas pelo autor neste capítulo que trata, entre outros, das virtudes medicinais do polvo.

A lagosta, por sua vez, era considerada pelo médico português como um “peixe duro, de que se geram humores salinos e acres, coze-se com dificuldade, mas nutre muito e é de bom gosto” (HENRIQUEZ, 2004, p. 152), sendo recomendada para mulheres gestantes, pois era “alimento das paridas, para facilitar a purgação do parto”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 152). Outra menção feita ao parto encontra-se na descrição das virtudes medicinais dos caranguejos que, conforme Henriquez (2004, p. 153), eram “duros e por isto de difícil cozimento, distribuem-se mal e nutrem muito”. Em relação às suas virtudes medicinais, o médico recorre, mais uma vez, a Hipócrates (apud HENRIQUEZ, 2004, p. 153), para quem os caranguejos são “feitos em pó e bebendo-os em água, curam os fluxos do ventre e retêm os partos, os quais farão excluir, estando os fetos mortos”.

Em relação aos ouriços, o autor destaca que ele “é de fácil cozimento, mas nutre pouco e gera humores salinos e acres que movem o ventre e a urina”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 155). Dentre as suas muitas virtudes medicinais, pode-se destacar sua eficácia contra a ocorrência de possíveis abortos durante o período gestacional, pois “a cinza dele queimado vivo, dada a beber, impede o aborto nas mulheres que, por fraqueza do útero, não retêm os ventres”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 155). Por isso, era de extrema importância enquanto medicamento para estas ocasiões. Sobre as rãs, o médico teceu considerações positivas, destacando seu fácil cozimento, do qual resultaria “um suco frio e úmido que nutre bastante”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 157). Dentre as suas virtudes, pode-se destacar que “a sua cinza é boa para os fluxos de sangue e o fumo delas, lançadas sobre umas brasas, cura os fluxos de sangue uterinos, recebendo-o por baixo”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 157).

No capítulo XI, intitulado “Dos Legumes”, o autor tece considerações sobre o consumo de legumes em geral. Também nele encontramos referências ao corpo feminino, especialmente em relação à gestação, como na menção feita aos

tremoços, que tinham as suas virtudes associadas ao período gestacional, visto que possuía a capacidade de “mover a purgação dos meses, de ajudar a exclusão do feto morto”, ao tomar “o seu pó com mirra e com mel”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 163). Em relação às virtudes medicinais do gergelim, Henriquez (2004, p. 164) afirma que eram de grande utilidade para “dores de ventre e útero”.

No capítulo XII “Da Hortaliça Sativa e Esculenta”, tem-se inúmeras referências ao corpo feminino, sendo que as colocações feitas pelo autor estão direcionadas à reprodução e aos cuidados gestacionais. Sobre a borragem, o médico enaltece as virtudes medicinais de sua flor, pois, quando “tomada com vinho branco, provoca a purgação dos meses supressos”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 167). Já os espinafres, embora descritos como sendo de baixo teor nutritivo, provocam “leite às mulheres que criam” e, devido ao caráter de substâncias, “lubrificam o ventre”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 167). As beldroegas, apesar dos danos que poderiam resultar de seu consumo excessivo, apresentavam virtudes medicinais, pois “têm partes adstringentes e corroborantes, com as quais são remédios nas diarreias” e podem ser utilizadas nos mais diversos fluxos, bem como “nas flores brancas das mulheres”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 169). A hortelã, por sua vez, era “boa para dores de cólica, de estômago, do útero e da cabeça”, podendo excitar, ainda, os “atos libidinosos”. (HENRIQUEZ, 2004, p.171).

Já no capítulo XIII “Das Raízes Sativas”, o autor refere raízes que podem auxiliar em situações que envolvem fluxos dos mais diversos, bem como na incidência dos atos libidinosos. Tomaremos como exemplo deste capítulo a raiz de Porro. De acordo com Hipócrates, esta raiz poderia ser útil para “ajudar a concepção, ou comido, ou aplicado em fomentos, semicúpios e cataplasmas, ou comido, porque com a virtude abstergente que tem, limpa o útero dos humores mucosos que viciam a matéria seminal masculina e impedem a boa fecundação”. (HIPÓCRATES apud HENRIQUEZ, 2004, p. 177). O autor tece também considerações sobre o alho, por sua “virtude aperiente, com que move a purgação do mênstruo”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 175).

Em “Das Raízes que não Semeiam e dos Cogumelos”, o capítulo XIV da obra, é possível encontrar também algumas referências ao corpo feminino, como no tópico sobre os aspargos, que, por apresentarem “virtude aperiente, com que desopilam muito bem”, podem contribuir para provocar “a urina e a purgação do mênstruo”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 180).

No capítulo XV, intitulado “Dos Frutos Sativos”, são enaltecidas algumas contribuições destes alimentos, pois, de acordo com Henriquez (2004, p. 181), são eles “admiráveis produções da terra” e, dessa forma, acarretam em múltiplos benefícios à condição humana. Em suma, são de grande préstimo à saúde, pois quando “a fruta comida moderadamente é útil e parece necessária, não só para delícia, mas para utilidade da gente”, podem dela resultar bons cozimentos e, inclusive, é útil para “laxar o ventre”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 182). O autor refere também a abóbora (HENRIQUEZ, 2004, p. 184), que deveria ser caracterizada como “fria é úmida” e de baixo teor nutritivo, sendo que suas folhas, quando frescas e “postas sobre os peitos, secam-lhes o leite”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 184).

Em “Dos Frutos das Árvores”, são apresentados diversos exemplares de frutas com importantes virtudes medicinais, sendo que, muitas delas, possuem relações com o organismo feminino, como é o caso das uvas, pois, de acordo com Henriquez (2004, p. 189), “as uvas podres têm virtude para fazer baixar a purgação do mês”, devendo ser cozidas em água e assim, “toma-se por baixo o vapor do cozimento quente”. Outra fruta de característica purgativa, eram as romãs, visto que “os pós dos seus caroços”, quando encontravam-se azedas, “são bons para os fluxos de ventre e para as purgações brancas das mulheres: hão de secar-se no forno e tomar-se muitos dias na quantidade de duas oitavas”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 194). Sobre a cidra, o autor afirma que “é um fruto todo medicamentoso, confortante e estomático; não tem parte inútil”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 196). Por suas inúmeras virtudes, este fruto tem muitas conexões com o organismo feminino, muitas delas relacionadas com a gestação, pois “do azedo da cidra faz-se outro xarope excelente para febres ardentes e malignas, e para o apetite alterado das grávidas, para o que serve também a cidra, comendo-a verde”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 196). As laranjas azedas, por sua vez, “quando cortadas em rodas com a casca, ou só da casca, faz-se um cozimento em água”, que, ao ser consumido, contribuiu no tratamento dos “fluxos de sangue uterinos”. (HENRIQUEZ, 2004, p. 197).

No capítulo XVII, que trata “Dos Frutos Lenhosos”, encontram-se importantes menções a cuidados com o corpo feminino. As nozes são descritas como úteis para assegurar a saúde, quando consumidas de forma moderada, e tinham no seu óleo, um “bom remédio nas cólicas flatulentas, nas gretas dos peitos das mulheres e nas contusões e puncturas de nervos” (HENRIQUEZ, 2004, p. 202), sendo aproveitadas também para o período do mês. O autor destaca, ainda, os pinhões, que

parto e a maternidade e fazendo indicações de alimentos e bebidas que assegurem a saúde da mulher ou dos recém-nascidos. Entendemos que as poucas menções ao termo meninas nos capítulos que tratam das faixas etárias, bem como a ausência de capítulos que tratem delas especificamente, possam ser explicadas tanto pelo contexto de produção da obra, no qual a Coroa estava empenhada em assegurar súditos saudáveis em condições de realizar o projeto de afirmação do estado português na Europa e no ultramar, quanto pelo fato de Henriquez ter optado por dedicar-se à saúde feminina em obra (*Medicina Lusitana*), que veio a ser publicada posteriormente, em 1731.

VIOTTI, Ana Carolina. A cura dos corpos entre a mesa e a botica (Brasil, século XVIII). *Projeto de Pós-Doutoramento junto à COC/FIOCRUZ (2018-2020)*.

TIRAPICOS, Luís Artur Marques. *Ciência e diplomacia na corte de D. João V: a acção de João Baptista Carbone, 1722-1750*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, 2017, p. 23-87. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10451/35028>>. Acesso em: 01/11/2019.